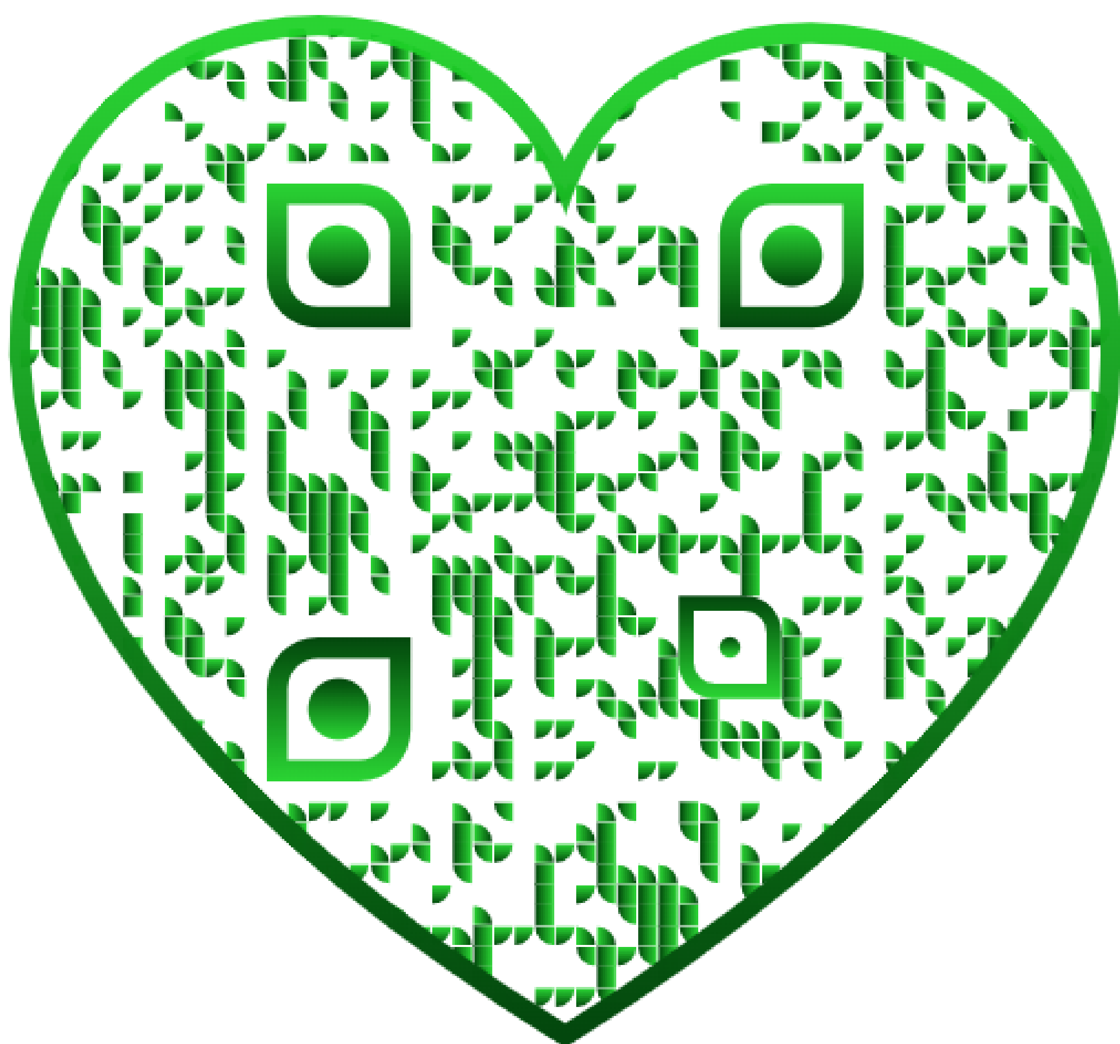
MORTE PÁLIDA

LUCAS DALLAS





Morte Pálida

O lugar por dentro se assemelhava ao próprio lar do demônio. Em certas partes, onde a luz do sol conseguia se espremer e iluminar, eram paredes escuras e corroídas pela umidade. Pelo chão espalhavam-se enormes pedaços do forro do teto em tiras, assim como a vegetação que migrara da floresta para dentro da construção como se estivesse tomando de volta o espaço que sempre fora seu.

Os garotos adentravam ainda mais no local, admirados com tamanha monstruosidade. Apesar de abandonado e "morto", o casarão transmitia uma presença como se realmente estivesse vivo, esperando o momento certo para atacar. O garoto de pele pálida e lábios roxos era o mais corajoso. Apesar da fraqueza de seu corpo doente, passava horas admirando a mansão pela janela de seu quarto e formando diversas histórias assustadoras em sua mente envolvendo a Mansão do vale. E agora estava ali, pisando dentro do casarão e vendo com seus próprios olhos seu interior, cheio de vontade de explorar.

O outro garoto era gordo e cansado. Arfava a cada passo, não apenas por estar carregando em gordura, mas também por estar absurdamente assustado. Ele andava junto ao amigo olhando para frente e evitando ao máximo se distrair com as monstruosidades do casarão abandonado que insistia em distorcer as sombras nas paredes formando imagens de rostos gritando em agonia.

— Ok, já entramos! —disse o gordo. — Desafio cumprido, agora já podemos ir.

— Chegamos até aqui e quer ir embora tão cedo?— Aqueles babacas desafiaram a gente a entrar aqui, e não passara noite! Quero ir embora.

— Se quiser ir, volte sozinho.

O gordo lentamente se virou e olhou para o caminho pelo qual vieram. Percebeu que já estavam em outro cômodo. Como não pôde ter percebido que avançaram tanto? Sabia que devia ter observado mais as coisas. Apenas o pensamento de dar meia volta e retornar sozinho causava-lhe enjoos e vontade de chorar.

— O que você quer mais nesse lugar afinal? —o gordo disse, irritadiço, desistindo da ideia de voltar sozinho.

—Olhe para esse lugar. Qual foi a última vez que alguém entrou aqui? Essa mansão existe desde que me lembro. Minha mãe não me conta muito

sobre essa casa, mas já ouvi histórias no colégio.

— Histórias assustadoras! —concordou o amigo. — Não gosto daqui.

— Fique tranquilo. — O garoto pálido tentou acalmar. —A única coisa que pode te prejudicar aqui sou eu, e a única coisa que pode me ferir é você. E sabemos que nenhum dos dois fará isso. Então não há porque ter medo.

O gordo conseguiu se tranquilizar. Exibiu um leve sorriso para o amigo, ajeitou os botões de sua camisa e depois de olhar para o lugar mais uma vez, finalmente abaixou a guarda.

— Tudo bem, mas não vamos demorar muito. Se meus pais descobrirem que vim aqui, vou apanhar de vara.

— Não se preocupe.

Os garotos entraram num amplo espaço cheio de vestígios do que teriam sido mesas e cadeiras.

— Acho que esse era o lugar onde as pessoas comiam. —disse o garoto pálido.

— Como assim?

O amigo explicou que, segundo o que lhe contaram, aquele era um lugar onde cuidavam de pessoas idosas, e que durante muitos anos recebia pacientes que não tinham mais condições de serem cuidadas pelos familiares. O pensamento causou um arrepio na nuca do garoto pálido. Talvez fosse porque, no fundo, sabia que não iria envelhecer. Ele estava morrendo aos poucos pela doença e já tinha aceitado a ideia. Mas o fato deque nunca saberia como era a sensação de ter a pele enrugada ou de ver os cabelos se embranquecerem era algo que o fazia sentir-se triste. Ele tossiu.

— Você está bem? Prefere voltar? Esse lugar fechado não deve fazer muito bem para a sua saúde. —disse o gordo.

— Acredite, se eu morrer, não será pela umidade.

O amigo ficou quieto.

O garoto pálido continuou a história da famosa casa de repouso. Enquanto explicava mais detalhes ao amigo, detalhes que foram reunidos de muitos mexericos pela cidade, ele vasculhava um pequeno cômodo que se parecia com um escritório. Dentro de uma das gavetas podres, um pequeno caderno de capa de tecido chamou sua atenção.

— Tem ideia do quanto isso é antigo? —disse ele, pegando com cuidado o caderno que mais parecia um grimório de um feiticeiro, sujo e mofado.

— Você vai ler?

— Pode apostar que sim. —respondeu o garoto pálido, raspando a sujeira do chão com os pés para que pudesse sentar-se.

O gordo sentou-se no chão em frente ao amigo. Na verdade, ele não estava nem um pouco interessado no que estivesse ali escrito. Mas ele sabia que o amigo jamais iria embora dali sem saber o que era o maldito caderno.

— Isso é muito antigo. — O garoto pálido colocou o livro no chão por medo que ele se desmanchasse entre seus dedos. Ele carinhosamente abriu e observou a primeira frase. — Vou ler em voz alta para quenós dois saibamos o que é. Tudo bem?

O amigo concordou. Não queria ter concordado, mas concordou.

***

05de março de 1952 – Carlota Josephina

O Dr. Johnson não economizou insistências para que eu escrevesse os "eventos interessantes" neste diário. Segundo ele, o diário me ajudará com o trauma.

Há um ano, um dos meus pacientes tentou me matar. Simples assim. Numa hora, disse ele que estava sentindo a recuperação, o que me deixou muito feliz, e na hora seguinte, rasgou meu pescoço com o que mais tarde fomos descobrir ser uma lasca de madeira de uma das cadeiras.

Perco-me na contagem de vezes que escrevi esse ocorrido. O Dr. Johnson diz que escrever sobre isso ajuda.

Depois de todo esse tempo, fui aconselhada pelo Dr. Johnson a não aceitar pacientes de casos mais graves. Na verdade, depois de tudo, não aceitei nenhum paciente. Afastar-me da profissão foi difícil, mas como ajudar a outros se eu é que precisava ser ajudada?Fiquei isolada e passei por longas conversas com o doutor, até que finalmente resolvi procurar uma ocupação que não interferisse muito com minha cabeça.

O classificado mostrou um trabalho de cuidadora de idosos nesta casa de repouso. O problema é que o lugar fica muito isolado das cidades. O artigo dizia que a hospedaria estava inclusa no emprego. Conversei com a Srta. Stella, dona do lugar. Ela muito se agradou da minha pessoa e consegui o

emprego.

Aqui estou então, na Casa de repouso Santa Barbara. Dois dias de trabalho e tudo parece ir muito bem. Os idosos ocupantes possuem muita dificuldade na fala. O que é estranho. Alguns não conseguem pronunciar nem mesmo uma palavra.

Só posso dizer que aqui, sinto uma tranquilidade e uma paz que nunca senti durante todo esse ano. O vento que sopra dos pinheiros trazendo o cheiro da floresta até as janelas de manhã é capaz de fazer qualquer pessoa suspirar tão alto quanto o maior dos apaixonados.

A Srta. Stella é uma pessoa fria, porém gentil. Ela incumbiu-me de administrar as coisas da mansão durante o dia, ela cuidaria durante a noite. Portanto, só a vejo algumas horas antes de me deitar.

Espero conseguir manter esse diário e torço para não perder a boa vontade de relatar as novidades nessas páginas.

22 de Março de 1952

Tenho conversado muito com a Srta. Stella sobre os idosos, principalmente sobre a medicação. Percebi que os medicamentos são básicos, como alguns comprimidos para dor e náuseas, mas nenhuma medicação de doenças crônicas. A casa possui exatamente 14 idosos, sendo 9 mulheres e 5 homens. Nenhum deles tem diabetes ou hipertensão. Nem mesmo doenças mais graves como câncer. O único mal daquelas pobres criaturas é a velhice, pois gozam de perfeita saúde. Srta. Stella me explicou que a casa traz isso para os pacientes, “boas vibrações”. Ontem à noite, antes de ir me deitar, tentei questioná-la sobre aquele assunto novamente. Ela disse-me apenas que continuasse a fazer meu trabalho.

31 de Março de 1952

Hoje percebi uma coisa estranha no comportamento dos pacientes. Estavam mais inquietos e ansiosos. Dona Marta não parou sentada nem um instante, durante horas caminhou no jardim. Seu Eduardo estava com as pernas e as

mãos mais inquietas que o normal. Dona Diva não parava de olhar para o céu e balançar o corpo para frente e para trás como uma barca viking. Ao perguntar a Dona Diva se ela sentia-se bem, com muito esforço ela conseguiu pronunciar “noite” sem desgrudar os olhos do céu.

Notei coisas peculiares na cozinha, também. Com o passar dos dias, percebi que o gosto da comida é muito escasso, quase inexistente, diferente de qualquer coisa que provei, nem mesmo a comida do mais decadente hospital se compararia a esta. É como comer papelão. A cozinha do casarão é menor do que deveria ser, no entanto, ela da conta de tudo assim como a única cozinheira que se desdobra para fazer tudo sozinha. Uma figura ossuda e cansada, cabelos tão brancos quanto o leite que fervia no tacho quando entrei na cozinha e ofereci ajuda com o almoço. Ela não me disse seu nome quando perguntei, e achei melhor não insistir visto que sua própria cara ranzinza e fechada afastava qualquer tipo de conversa.

Acabei descobrindo que o lugar não tinha nenhum tipo de tempero, a comida era temperada com sal e nada mais. Questionei a cozinheira sobre onde estavam as cebolas e o alho. Minha resposta foi apenas uma frase dura como o martelar de um cutelo.

— Não entra essas coisas aqui! Não faz parte da dieta deles.

— Eles são proibidos de apreciar o sabor dos alimentos? — Tentei aliviar o humor da cozinheira dando-lhe um sorriso.

— Não entra essas coisas aqui!

Foi tudo o que ela disse, continuando a mexer o tacho de leite.

01 de Março de 1952

Estou começando a assustar-me. Tamanho foi o meu espanto ao ver os idosos na manhã de hoje. Senti que o sangue desapareceu de minha face e minha boca se escancarou. Estavam tomados por uma horrível aparência. O que antes eram rugas no pescoço, agora são peles caídas por sobre o ombro. Os cabelos, que eram brancos e sedosos, agora estão quebradiços e opacos. Olheiras assustadoramente profundas e negras dão-lhes um ar cadavérico. Corri até os aposentos da Srta. Stella. Após várias batidas na porta, Srta. Stella abriu.Nunca a vi tão radiante. Seus cabelos pareciam estar maiores e mais brilhantes. Suas curvas, mais acentuadas em seu vestido preto de botões.

Com rispidez, repreendeu-me por tê-la acordado. Expliquei o que havia acontecido. Ela disse-me que isso sempre ocorria ao fim dos meses e que depois todos voltavam ao normal. Fiquei muito confusa com aquela informação e pedi que explicasse-me melhor. Ela bateu a porta trancando-se.

O mais estranho, o que realmente fez brotar arrepios em meus braços, foi o cheiro que exalou do quarto de Srta. Stella. Um fedor de... A única coisa que consigo pensar agora, e que me assusta escrever em palavras é: Coisa morta. Cheiro de coisa morta.

16 de Abril de 1952

Tudo está mais normal agora, e quando digo isso, não significa que a estranheza se ausentou. Pelo contrário. Os idosos que estavam totalmente acabados em sua aparência estão melhorando a cada dia. Não consigo entender o que se passa aqui. Estaria eu delirando? Impossível. Desde que comecei minhas funções neste lugar, tenho pensado cada vez menos em meu passado. Realmente acreditei que estava melhorando quando parti para cá. Agora já não estou tão certa.

22 de Abril de 1952

Estou horrorizada com os acontecidos de hoje.

Ao passar pelo corredor principal do casarão, notei que dona Margie estava tendo dificuldade para escovar os dentes. Ela aparentava estar confusa com alguma coisa, pois olhava para a escova, para o espelho, depois para a escova novamente, como se tivesse esquecido o que estava ali fazendo. Saí do corredor e entrei no banheiro, tomei a escova de sua mão e pedi que abrisse a boca. Com uma expressão infantil, como se escovar os dentes fosse uma brincadeira, abriu. Senti meu coração pulsar. O interior da boca de dona Margie estava espantosamente pálido e seco. Difícil explicar em palavras. Basicamente, sua língua e gengiva estavam brancas como a pele de um cadáver. Por instinto, verifiquei os outros. Todos estavam com o mesmo problema. Sem saliva, apenas uma língua seca e áspera sob dentes

amarelados e gengivas albinas.

Implorei a Srta. Stella que enviasse alguém com uma carta solicitando algum médico, afinal, os pacientes poderiam estar com um caso grave de anemia. Ela disse que o motorista só estava disponível ao final do mês, dia de trazer os suprimentos da casa. Implorei que o localiza-se pois os idosos não poderiam permanecer naquele estado. Disse-me que seria impossível. Percebi quando me encarou que pequenas rugas, que não estavam ali antes, brotavam no canto de seus olhos. Olhos de um castanho apagado, sem vida.

***

Os garotos sentiram suas costas se arrepiarem e ouviram um som estranho vindo do corredor, um som de alguma coisa se arrastando.

— Vamos embora. A noite já está chegando e é impossível que essa coisa não tenha te apavorado. —disse o gordo, apontando para o diário.

—Carlota não percebeu os sinais. Mas pra mim é muito claro. — O menino tossiu, tosse seca que cansava seus pulmões.

— Do que está falando? Vamos sair daqui!

— Os adultos sempre com essa burrice e não conseguem enxergar o que é óbvio. — O garoto pálido pensou em voz alta. —Ela só tinha que abrir os olhos e perceber o que estava acontecendo. Ela só precisava ver!

— Vamos embora! —insistia o gordo.

— Eu vou terminar de ler para ver o que acontece. Preciso saber. Isso é histórico, tudo aconteceu exatamente aqui. Não estamos lendo nenhum livro de terror de mentirinha. Isso é real.

O garoto pálido gentilmente colocou a mão sobre a do amigo e sentiu seu calor. Aquilo de alguma forma acalmou a respiração do gordo que o encarou.

— Vou terminar de ler! —disse ele, virando uma página do caderno.

— O que quis dizer quando disse que era óbvio? —perguntou o gordo, já mais calmo.

— Você sabe alguma coisa sobre vampiros?

***

25 de Abril de 1952

Um horrível pesadelo visitou-me esta noite. Um, que me impediu retornar ao sono. Por isso resolvi escrever e me ocupar com alguma coisa.

Estava eu num lugar escuro e meu pescoço sangrava. Eu olhava para baixo e em minhas mãos havia uma lasca de madeira. Madeira da cadeira do manicômio. Eu tentava gritar, mas minha garganta estava fria, congelada. Sentia meu espírito se esvair do meu corpo, meus lábios formigarem e meus dentes trincarem.

Acordei empapada em suor. A janela estava aberta. Lembro-me exatamente de a ter trancado. Estou ficando angustiada. Minha boca está seca e minha língua rugosa. Estou com sede.

30 de Abril de 1952

Estava acontecendo de novo. Os idosos e aquele comportamento inquieto e ansioso. Alguns olhavam com olhos tristes para o céu e ao escurecer, todos eles trancaram-se em seus quartos.

Definitivamente, algo errado acontece aqui e não posso mais agir como se não enxergasse.

Resolvi que mais tarde irei até o escritório da Srta. Stella. Ela proibiu-me, desde o primeiro dia, de lá entrar. Tenho fé de que encontrarei algo lá.

Pela janela do meu quarto há uma mureta que se estende por toda a parede externa, onde ficam as gárgulas. A janela do escritório da Srta. Stella sempre fica aberta. Sairei pela janela, andarei sobre a mureta e entrarei em sua sala. Se tudo der certo, escreverei aqui minhas descobertas. Caso contrário, fiz tudo o que pude para ajudar os moradores desse lugar. Eles são parte de mim agora.

É quase meia-noite, melhor me apressar.

01 de Maio de 1952

Jamais pensei que fosse presenciar tamanho horror. Tenho pouco tempo, então tentarei ser direta, pois estou escondida dentro do closet e sinto que ela conseguirá entrar aqui antes do amanhecer.

Fui bem-sucedida em entrar no escritório. Depois de certo tempo revirando as coisas, em uma estante de livros encontrei, pregada na lateral, uma fotografia em preto e branco. Nela, vi algo que gelou-me o sangue fazendo um forte arrepio gritar em meu corpo.

A foto mostrava a Srta. Stella com um belo sorriso na frente do casarão. Ela estava rodeada de crianças muito bem vestidas. Quando virei a foto, uma caligrafia delicada exibia os seguintes dizeres “Orfanato Santa Barbara – 1949”. Um grito morreu em minha garganta. Coloquei a mão sobre a boca para tranquilizar-me. Quatorze era o número de crianças da foto.

Saí daquele lugar o mais rápido que pude, precisava vê-los, olhar em seus rostos e ter certeza de que eu não estava louca. Um barulho vindo do quarto Feminino chamou minha atenção. Um grunhido rouco e seco. Um grito congelado na garganta. Abri a porta e me deparei com algo que, se eu sobreviver, fará parte de meus piores pesadelos para sempre.

Preciso ser rápida. Ela está do lado de fora enquanto escrevo. Posso ouvir o som de algo arranhando a porta. Se um dia alguém tomar posse desse manuscrito, saiba que a Srta. Stella é um monstro. Um monstro que estava sugando com um prazer intenso uma névoa branca que saía de dentro da boca de dona Marta e ia de encontro à sua num terrível beijo da morte. As outras senhoras estavam petrificadas em suas camas enquanto Srta. Stella se satisfazia com a última.

Ela os mantem vivos para serem seu sustento de vida!

Espero que um dia alguém

***

A noite chegou sorrateira, discreta e silenciosa. Tamanho era o hipnotismo

dos garotos pela história, que só perceberam a escuridão quando o texto acabou.

— Ah meu deus, não consigo ver nada! —grunhiu o gordo.

— Termina aqui, não tem mais nada escrito! O que você acha que aconteceu com ela? Carlota?

— Podemos, por favor, ir embora?

— Sim, agora podemos. —respondeu o amigo com ar pensativo.

Mãos tateando as paredes, pés se arrastando com cuidado. Assim foram os garotos, lentamente tentando enxergar alguma coisa; seus olhos já estavam adaptados à escuridão. Conseguiam perceber as silhuetas enegrecidas de alguns moveis. O que ficava fácil de se desviar. Chegaram novamente ao refeitório.

— Ela esteve viva por décadas e décadas, sem envelhecer. — observou o garoto pálido. — Não sabemos o que aconteceu para que esse lugar ficasse abandonado. Acha que alguém pode ter matado ela?

— Quem?

— A Srta. Stella.

— Por favor, não diga esse nome. Ele me dá muito medo.

— Espere! — ordenou o amigo. — O que é aquilo?

Ele apontou o canto escuro onde ficava a escadaria que levava até o andar de baixo. Ali, parado alguns centímetros à frente da escada, prostrava-se um vulto escurecido. A forma se tornava cada vez mais nítida à medida que se aproximava. Nesse instante os garotos já estavam petrificados.

O monstro não disse nada. Apenas grunhiu e gemeu. Aquele era o pior som do mundo. Agudo e gorgolejante. A figura estava a poucos centímetros dos garotos agora, bem visível. O cheiro que saia de sua boca aberta era o mesmo cheiro da carniça de um animal sendo devorada por abutres. Não tinha nariz, apenas dois buracos como redemoinhos. Exibia um crânio negro e lustroso como ônix.

O garoto gordo desmaiou, e repousava ao chão, numa poça de sua própria urina. A criatura se aproximou do desacordado.

— NÃO! —gritou o garoto pálido, com forças e uma coragem que não sabia de onde viera.

Ele sentia acima de tudo o dever de proteger o amigo. Era a sua obrigação defender o amigo que só estava ali por causa dele. O gordo ainda teria uma vida longa pela frente, ele ainda poderia amar e ter filhos. O garoto não poderia permitir que alguém tirasse isso do amigo. Nem mesmo uma

criatura do inferno.

—A mim! Mas não ele!

A criatura sedenta aproximou a face distorcida até o garoto que tinha as pernas petrificadas como uma árvore enraizada em um solo forte. Seus lábios ficaram a poucos centímetros da boca da coisa. O garoto sentiu algo sair dele. O frio começou no centro de seu peito, migrou até sua garganta e saiu como uma névoa branca até a boca da criatura. A sensação era de ser roubado. Seus pensamentos diziam “Não, você não tem o direito de tirar isso de mim!”. Seus olhos ameaçavam fechar, sua visão estava turva e enegrecida. De repente, a conexão foi interrompida. O garoto caiu no chão, arreganhou os olhos para não dormir. Um rugido ecoou da criatura por todo o local, tão alto que fez os ouvidos do garoto arderem. A criatura berrou palavras que o garoto teve de se esforçar ao máximo para compreendê-las:

— Você… Morte… Dentro… Queima… Queima!

Foi então que o garoto viu a criatura esfarelar-se. Era como se estivesse se desmanchando em cinzas. O monstro se ajoelhou e teve suas pernas transformadas em pó. Os gritos diminuíram até se tornarem um som oco e seco como areia. O resto do corpo se desfez para sempre. O garoto sorriu e fechou os olhos.

Os dois garotos acordaram ao mesmo tempo. Os raios de sol entravam por frestas e iluminavam folículos de cinza e poeira no ar. O gordo não pensou duas vezes antes de sair correndo sem olhar para trás. O outro não estava mais tão pálido, saiu de dentro da casa e admirou a luz do dia. Nunca esteve tão feliz em ver o nascer do sol.

Os dois se afastaram juntos da mansão do vale, e embora suas mentes estivessem explodindo de ansiedade, perguntas e confusão, falaram pouco durante todo o caminho de volta. Talvez tudo foi um sonho? Talvez...

O garoto que não estava mais pálido, pelo contrário, estava corado com as bochechas ardendo pelo calor, sorriu. Ele fez uma oração mentalmente e agradeceu por poder, por mais um dia, ver o sol nascer. Sem saber que ainda veria a muitos.